

REPRESENTAÇÕES DA MULHER EM CONTOS FOLCLÓRICOS BRASILEIROS: UMA ANÁLISE CRÍTICA

Maria Cecília de LIMA (UnB)

RESUMO: Os PCNs preconizam que o trabalho crítico acerca de gênero social na escola é necessário para a formação de cidadãos(as) emancipados(as). Porém, nem sempre professores(as) sabem como fazê-lo. Daí surge nosso trabalho – uma análise de conto na qual descortinaremos representações da mulher com o intento de contribuir com a prática docente. Para essa análise, empregamos a Análise de Discurso Crítica e a Lingüística Sistêmico-Funcional. A escolha dessas teorias deve-se ao fato de elas considerarem a linguagem como prática social. Os resultados da pesquisa apontam para uma representação ainda tradicional da mulher em contos que, se não questionada, pode ser naturalizada.

RESUMEN: Los PCNs preconizan que el trabajo crítico acerca del género social en la escuela es necesario para la formación de ciudadanos(as) emancipados(as). Sin embargo, ni siempre profesores(as) saben cómo hacerlo. De ahí surge nuestro trabajo - un análisis de cuento en que mostraremos representaciones de la mujer con el intento de contribuir con la práctica docente. Para ese análisis, empregamos el Análisis de Discurso Crítico y la Lingüística Sistêmico-Funcional. La elección de esas teorías se debe al hecho de que las mismas consideran el lenguaje como práctica social. Los resultados de la investigación indican una representación todavía tradicional de la mujer en cuentos que, si no es cuestionada, puede ser naturalizada.

1. Introdução

Neste artigo, propomos, por meio da análise de um conto folclórico brasileiro, propor nova forma de trabalhar leitura crítica no contexto da escola, empregando como arcabouço teórico a Análise de Discurso Crítica (ADC) e a Lingüística Sistêmico-Funcional (LSF). Nessa análise, nosso foco será a representação da mulher, por entendermos que ela, a representação, contribui com a constituição de identidades de gênero, emancipadas ou não.

Na análise, enfocaremos aspectos textuais do conto folclórico na representação da mulher e, principalmente por meio da categoria lexico-gramatical da transitividade, exploraremos ações, sentimentos e valores expressos por meio de gêneros discursivos, da linguagem, que constitui a realidade social e identidades. Isso por entendermos que os gêneros discursivos podem trazer representações e/ou críticas a uma determinada realidade, estabelecendo relações sociais e atribuindo uma certa identidade aos participantes envolvidos.

Em diferentes gêneros discursivos, podemos ter a mulher representada de diversos modos e, por meio de análises como essa, se levadas para o contexto escolar, poderemos contribuir para o desenvolvimento da conscientização de indivíduos acerca de como a linguagem é poderosa para, por meio da representação, constituir identidades, em especial, a da mulher. Por isso, é de grande importância que na instituição escolar, ao trabalharem com diversos gêneros discursivos, profissionais da educação comecem a atentar para o fato de que é na interação, por meio da representação, que as identidades são constituídas e, sendo a escola local também de interação, de constituição da cidadania, cabe aos/as educadores/as também contribuir para a formação de seres humanos críticos por meio do trabalho com os gêneros discursivos, como preconiza Brasil (1997), ou seja, os PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais – e que, nesses gêneros, representações da mulher sejam discutidas, também como sugere Brasil (1997).

2. Análise de discurso crítica e a lingüística sistêmico-funcional

A Análise de Discurso Crítica considera a linguagem como prática social e o contexto do uso da linguagem como sendo crucial, segundo Fairclough (2001). Além disso, as relações de poder e sua conexão com a linguagem presentes no discurso são de interesse da Análise de Discurso Crítica, que tem como objetivo, segundo Wodak (2001), investigar criticamente como as desigualdades são expressas, constituídas, legitimadas pelo uso da linguagem, tendo como objetos de questionamento não só os textos escritos ou orais, mas qualquer semiose.

Entendendo que o texto materializa, por meio de escolhas lingüísticas, processos sociais em que os seus(as) produtores(as) estão envolvidos(as), torna-se possível identificar a(s) ideologia(s) nele subjacente(s). Ideologia que, segundo Gee (1990), *pode ser compreendida como uma teoria social (...) que envolve generalizações (crenças, afirmações) sobre a maneira pela qual bens e produtos são distribuídos na sociedade*. Já Eagleton (1997) enumera algumas das definições que encontramos sobre ideologia, a saber: a) processo de produção de significados, símbolos e valores na sociedade; b) corpo de idéias características de um determinado grupo ou classe social; c) uma ilusão social necessária; d) a união entre discurso e poder; e) o processo pelo qual a vida social é convertida em uma realidade natural.

Mostrando que a linguagem é socialmente construída, Fairclough (1992) aponta para a ação dos participantes no mundo em condições sócio-históricas particulares que estão refletidas em seus projetos políticos e nas relações de poder que operam. O autor relaciona construção social com interação social, textos com outros textos e discurso com identidade. Desse modo, as abordagens de Fairclough (1992) e de Halliday (1985) são instrumentos para o estudo da linguagem em contextos específicos e para entender o relacionamento entre linguagem e identidade, fazendo vir à tona o papel que as instituições possuem na constituição de identidades, mostrando como o poder é distribuído na sociedade e que as identidades não são como algo concluído, mas como processo moldado sócio-historicamente pelas relações de poder que estão em jogo nas práticas discursivas.

Ao se analisar as relações de poder desigual, faz-se necessário descrever e teorizar os processos e estruturas sociais que ocasionam a produção de textos e a produção de sentido na interação de indivíduos ou grupos com esses textos. Sendo assim, são importantes para uma Análise de Discurso Crítica os conceitos de poder, história e de ideologia que, para Thompson (1995) é tida como modos pelos quais significados são construídos e expressos por formas simbólicas de vários tipos. Ele, ainda aponta para os modos de ação da ideologia que naturalizam relações desiguais; entre elas, as de gênero. Ao contrário disso, tomando um viés não determinista, a Análise de Discurso Crítica acredita na relação dialética entre discurso e sociedade, acreditando que, com a mudança discursiva, é possível promover a mudança social. A Análise de Discurso Crítica tem objetivos emancipatórios que se revelam consoantes com a Gramática Funcional (Halliday, 1985), bem como com o foco central de nosso trabalho, a saber, Representação e identidades de gênero.

Para a prática da Análise de Discurso Crítica, Chouliaraki & Fairclough (1999) nos apresentam um arcabouço teórico para análise, reunindo três tradições analíticas: a Lingüística, a análise textual e lingüística crítica; a tradição micro-sociológica de considerar a prática social como alguma coisa que as pessoas produzem ativamente e entendem com base em procedimentos de senso-comum compartilhados, e a tradição macro-sociológica de análise da prática social em relação às estruturas sociais - ambas tradições de grande importância para o estudo da relação entre linguagem e poder.

O quadro analítico da Análise de Discurso Crítica apresenta, segundo Chouliaraki & Fairclough (1999):

- 1) um problema social (atividade, reflexividade)
- 2) apresenta obstáculos que precisam ser resolvidos por meio da:
 - a) análise da conjuntura
 - b) análise da prática e do momento discursivo:
 - i) práticas relevantes;
 - ii) relação do discurso com outros momentos
 - discurso como parte da atividade,
 - discurso e reflexividade
 - c) análise do discurso (a própria semiose):
 - i) análise estrutural: a ordem do discurso
 - ii) análise da interação
 - análise interdiscursiva
 - análise lingüística e semiótica
- 3) função do problema na prática
- 4) identifica possíveis modos de vencer os problemas
- 5) reflexão crítica sobre a análise

No caso de nosso trabalho, ater-nos-emos ao item desse arcabouço destinado à análise lingüística e semiótica e focalizaremos na análise da transitividade, principalmente, empregando para isso a Lingüística Sistêmico-Funcional.

Tendo como idéia básica que a língua constrói o contexto social e é por ele construída, a Lingüística Sistemico-Funcional é muito importante para a análise de texto. Ela é empregada pela Análise de Discurso Crítica como ferramenta analítica, por ser centrada na análise da linguagem do ponto de vista de como se dá a construção de significados na interação. Assim como Fairclough (1992), Halliday (1985) considera a linguagem como prática social, em que os participantes constroem significados, dependendo das circunstâncias históricas, culturais, sociais particulares em que estão envolvidos. De acordo com a Lingüística Sistemico-Funcional, as condições de produção, o contexto em que o texto é produzido, os participantes da interação nesse contexto e o modo como os participantes organizam o texto para a comunicação irão influenciar as redes de significados que compõem os diferentes tipos de textos - unidades essencialmente semânticas.

Pelo fato de Halliday (1985) considerar que os significados se realizam em sociedade, em contextos específicos de comunicação, temos, de acordo com esse autor, as variáveis de contexto - de situação e de cultura, variáveis essas importantes para a análise. O contexto de situação é o ambiente imediato em que o texto está de fato funcionando. Essa noção serve para explicar por que certas formas foram ditas ou escritas em uma ocasião particular e o que mais poderia ser dito ou escrito. Uma vez que o sistema lingüístico é construído sócio-historicamente, apenas certos significados são possíveis, e a construção desses significados é dependente da forma como a linguagem foi usada no passado. Temos que os fatores que constituem o contexto de cultura determinam coletivamente a forma como o texto é interpretado em seu contexto de situação.

Na Lingüística Sistemico-Funcional, investiga-se o uso efetivo da linguagem em relação à atividade social em jogo e à intenção dos interlocutores. Assim, a linguagem, o texto e o contexto são tidos como os responsáveis pela organização e desenvolvimento da experiência humana. Nessa gramática, são estudadas as formas lexico-gramaticais em relação a suas funções sociais, o que é discutido por Meurer e Motta-Roth (2002).

Ao caracterizarmos o texto em relação ao contexto da situação e ao contexto de cultura temos as metafunções que correspondem a cada um desses contextos. Por exemplo, com relação à metafunção ideacional, relacionada ao contexto de situação campo (*field*), temos que ele diz respeito ao que está acontecendo, à natureza da ação social. Serve à expressão do conteúdo. Os significados ideacionais estão ligados à categoria gramatical de transitividade. Por meio dela, cada oração é analisada pelo tipo de processo no qual estão integrados os participantes, a meta e as circunstâncias.

Fairclough (2003), tomando idéias emprestadas de Halliday (1985), classifica esses processos em: material, verbal, mental, relacional e existencial. Para ele, a representação dos participantes envolve um certo número de escolhas: ativação/passivação, nomes pessoais/ impessoais, bem como a inclusão e a exclusão de certos participantes. Tais escolhas são socialmente significativas e constituem a realidade e identidades sociais. Com relação à circunstância, Fairclough (2003) sugere a dicotomia apresentada por Harvey (2002), de espaço e tempo, deve ser analisada no texto.

Pela categoria de transitividade, relacionada ao componente ideacional da gramática hallidiana, pode-se identificar que ações e atividades humanas são representadas no discurso e que realidade está sendo retratada, por meio dos três componentes básicos apresentados: participante do discurso (agentes ou pacientes), os processos (os tipos de verbos) e as circunstâncias (loções adjetivas ou adverbiais). Trata-se da análise de quem faz o quê a quem e em quais circunstâncias

Ligada ao contexto de situação Tenor (*tenor*), outra metafunção é apresentada por Halliday, a interpessoal. Tal metafunção refere-se à natureza, às posições e aos papéis dos interlocutores, envolvidos na interação. Reflete como os participantes expressam suas visões de mundo, seus julgamentos, suas atitudes e as relações dos papéis sociais que estabelecem entre si e com o que está sendo dito. As categorias gramaticais de modo e pessoa são relevantes para a análise realizada por meio da metafunção interpessoal.

Diferentemente de Halliday (1985), Fairclough (2003) distingue duas subfunções da metafunção interpessoal, a saber: a relacional – o texto na constituição das relações - e a identitária – o texto na constituição das identidades pessoais e sociais. Adotaremos a classificação de Halliday (1975).

Textual é o nome da terceira metafunção apresentada por Halliday (1985). Ligada ao contexto de situação modo (*mode*), essa função explicita o papel desempenhado pela linguagem no contexto comunicativo. Podemos dizer também que essa função diz respeito à criação do texto socialmente contextualizado, ou seja, ao estabelecimento das relações entre as frases e sua organização interna e ao seu significado como mensagem. Seu significado está relacionado a categorias, tais como: tema, relações coesivas.

A relação entre os contextos e as metafunções pode ser assim visualizada:

Variável de contexto	Metafunção		Categorias de análise	Componentes básicos	
Campo (<i>field</i>)	Ideacional	- Quem faz o quê a quem e em quais circunstância. - Diz respeito à maneira como o ser humano expressa a sua experiência no mundo	Transitividade	participantes	Agentes/pacientes
				processos	Material Mental Relacional
				circunstâncias	Locuções adjetivas ou adverbiais
			Nominalização		
Tenor (<i>tenor</i>)	Interpessoal	- Indica papéis sociais e as relações estabelecidas entre os participantes envolvidos no evento comunicativo	Modalidade/modo Modulação Pessoa		
Modo (<i>mode</i>)	Textual	- Explicita o papel desempenhado pela linguagem no contexto comunicativo	Tema Informação Relações coesivas		

Quadro por nós elaborado.

Halliday (1975) considera a sociedade, a linguagem e a mente como indissolivelmente interligadas. Para ele, nossos pensamentos são moldados pela sociedade em que vivemos e a linguagem serve como forma de expressão do indivíduo e, conseqüentemente, interliga-se a valores e crenças e aos contextos onde o indivíduo executa práticas sociais diversas.

O que temos em comum entre esses autores – Fairclough e Halliday - é que, para eles, todas as funções coexistem em um discurso e são importantes em uma análise de discurso porque nos permitem perceber a linguagem presente no texto como representante e constitutiva da realidade, das relações sociais e construtora de identidades sociais. Além disso, têm em comum que as diferentes funções sociais de um texto determinam sua estrutura, que correspondem a diferentes maneiras de usar a linguagem para cumprir diferentes tarefas – constituindo diferentes gêneros discursivos, inclusive o conto folclórico.

3. Linguagem e identidade de gênero

No que diz respeito a gênero social – o que caracteriza o masculino e o feminino – temos que ele é um construto social elaborado no discurso e que está discursivamente ligado ao sexo: homens devem ser masculinos, com tudo que isso implica, e mulheres devem ser femininas. Sendo que, segundo Badinter (1993: 99), *a identidade masculina está associada ao fato de possuir, tomar, penetrar, dominar e se afirmar, se necessário pela força. A identidade feminina, ao fato de ser possuída, dócil, passiva, submissa.* Porém, tal divisa tão distinta tem sido transformada no contexto social no qual vivemos, bem como nos textos socialmente produzidos.

Já Crawford (1995) não percebe esta dicotomia como homogênea, e afirma que devemos evitar pensar em gênero com essa distinção. Para Louro (1997), o gênero está intimamente ligado à sexualidade, e é usado como forma de controlar, de vigiar a sexualidade.

Para Graddol & Swann (1992), a identidade de gênero é constituída na interação entre linguagem e processos sociais e, uma vez que há relação entre linguagem e estrutura social, é possível que a relação homens e mulheres não seja necessariamente um processo assimétrico; é possível que se trate de um processo fragmentado, no qual as mulheres possam estar sendo, sim, controladas pelos homens, mas no qual também há espaço para a luta em busca de liberação e ainda espaço para que as mulheres exerçam poder.

Seguindo esse raciocínio, o da relação entre linguagem e estrutura social, Magalhães (1995) discute as relações de gênero no Brasil, indicando uma tensão entre duas formas de coexistência em textos sobre mulheres: *o discurso de controle e o discurso de liberação.* O discurso de controle, segundo afirma a autora, diz respeito ao (bom) comportamento que se espera das mulheres, freqüentemente tratadas como não-sujeitos, ou seja, seres indefesos e incapazes de ter opinião própria. Por outro lado, o discurso de liberação,

bastante recente na história do Brasil, e normalmente associado à vida urbana, é uma espécie de reação contra o discurso de dominação do sexo masculino.

Podemos perceber que as abordagens de linguagem, de acordo com a proposta de Halliday (1985), propiciam reflexões a respeito da identidade de gênero como um dos aspectos da vida social moldada pela linguagem. Da mesma forma, Fairclough (1992) relata a sua compreensão do relacionamento entre linguagem e identidade e integra o estudo da linguagem com o seu estudo sobre o contexto de produção, mostrando que o texto é inseparavelmente ligado aos seus processos de produção e interpretação e esses aspectos, por sua vez, são inerentes ao contexto sócio-histórico em que os participantes do evento discursivo estão inseridos.

Os estudos de Fairclough (1992) muito contribuíram para que fizéssemos uma correspondência entre valores, crenças e práticas, em contextos específicos, para moldar a linguagem e para entender como o papel da linguagem é relevante para manter e contestar esses valores, crenças e práticas dentro de contextos específicos de cultura.

A contribuição de Fairclough (1992: 168) para os estudos acerca do discurso e da identidade deve-se às reflexões acerca da construção da identidade em um contexto de valores institucionais e culturais flutuantes. Para ele: “quando um discurso enfatiza a construção, a função de identidade da linguagem, este começa a assumir grande importância, pois as formas pelas quais as sociedades categorizam e constroem identidades para os seus membros é um aspecto fundamental de como elas atuam e de como relações de poder são expostas e exercidas, de como as sociedades são reproduzidas e mudadas”.

Dessa forma, Fairclough (1992) mostra em seus estudos como a linguagem é socialmente construída e certamente como ela tem se constituído a mais poderosa de todas as mídias semióticas para a construção social da realidade. Mostra, ainda, que os participantes agem no mundo em condições sócio-históricas particulares que estão refletidas em seus projetos políticos e nas relações de poder em que operam. Ele relaciona construção social com interação social, textos com outros textos e discurso com identidade.

4. Análise

A análise apresentada foi realizada de acordo com a concepção da Análise de Discurso Crítica, proposta por Chouliaraki & Fairclough (1999), Fairclough (2003), em consonância com a Lingüística Sistêmico-Funcional (Halliday, 1985).

Para a análise textual, tomamos os padrões léxicogramaticais que compõem os textos investigados, no que se refere, principalmente, a uma das funções propostas por Halliday (1985): a ideacional. Tal metafunção, por se tratar da representação das idéias, da experiência humana, pode ajudar a revelar conhecimentos, gostos, preconceitos, valores, visão de mundo, estilos de vida, modos de pensar e de agir subjacentes a escolhas léxico-gramaticais presentes na composição do texto – prática discursiva importante na representação e na constituição de identidades de gênero, em especial, a da mulher. Por ser um dos recursos analíticos de textos ligados à função ideacional, a transitividade será o recurso analisado em nosso trabalho. Por meio desse instrumento, podemos interpretar aspectos ideológicos, socioculturais, identificando como ações e atividades humanas são representadas no discurso e na realidade que está sendo tratada e quais as representações e as identidades constituídas presentes no texto.

Fairclough (2003) entende que há divisão na forma de representar os processos e, também, na representação dos participantes, que ele chama, em alguns casos, de atores sociais. Para ele, nem todo participante é ator social. Por exemplo: *O carro bateu em Mary* e *O carro bateu na rocha*. Nesses exemplos, tanto *Mary* quanto *rocha* são objetos ou participantes, mas somente *Mary* desempenha o papel de ator social, cuja representação, segundo esse autor, envolve escolhas que são socialmente significativas principalmente no que diz respeito à representação da ‘agência’ em relação aos processos apresentados, quer seja ele, material, mental, relacional que são, segundo Halliday (1985) os principais tipos de processos.

Temos no texto de Câmara Cascudo, como principais participantes e atores sociais a viúva, a filha da viúva, as três velhas, o dono de um comércio e os convidados. Todos, sem exceção, não se encontram realizados por seus nomes próprios. Isso pode indicar que a realidade representada neste texto é naturalizada, valendo, sem ser questionada, para todas as pessoas, sem distinção.

Na análise da metafunção ideacional, no que diz respeito aos participantes, temos a viúva e as três velhas como participantes, até certo ponto, mais ativos no texto. A viúva é a desencadeadora de diversos processos materiais – processos relacionados ao fazer – tais como, fazer (“...fazia o possível...”; “...fazia as compras...”), voltar (“...voltou a dar o linho...”) – ou seja, a viúva aparece como pessoa ativa, que faz as coisas acontecerem. Além desse tipo de processo, o material, ela também é participante de processos mentais

– ligados ao pensar – “...vivia estudando um meio ...” – o que indica que, além de agir, ela também planejava, pensava as ações em função de alcançar um objetivo que era seu: o de casar a filha com um homem rico.

Tal necessidade de casar a filha com um homem rico, indica a importância dada ao casamento, em especial, quando acontece com um homem rico. Também podemos notar como ela se empenha nisso, o que indica que esse papel era o da mãe, e não o da filha, que vivia no espaço privado, sem ao menos ser conhecida de seu vizinho, o comerciante que será seu marido.

Relacionados à filha da viúva, temos outros tipos de processos que contribuem para a análise da representação da mulher. A filha reza, chora, senta, se agonia, aceita – processos que indicam passividade em relação aos fatos que a ela se apresentam. Diante da atitude da mãe – de lhe fornecer linho para fiar – a filha chora, reza, se agonia – não há indicação aqui de resistência ou de oposição à situação que, ao que tudo indica, é para ela era de sofrimento – idéia de sofrimento que é corroborada pela própria viúva quando essa afirma entregar a ‘penitência’ à sua filha. Mais tarde, depois de o comerciante falar em casamento, ela, mais uma vez, aceita. Somente aceitar, indicação da representação da mulher como submissa, passiva e cumpridora dos desejos dos outros. O único questionamento feito por ela é “...e não hei de chorar?” – o que não deixa de indicar passividade, uma vez que, diante de algo que a tormenta, ela chora, o que pode indicar impotência para recusar tal tarefa.

As circunstâncias de lugar ligadas a essas duas personagens, indicam que a viúva – que vai até a venda, vai às compras – participava do espaço público; já para a filha – quando solteira e chorava na cozinha – estava reservado somente o espaço privado. O que pode nos indicar que ela deveria ser resguardada para o futuro marido.

Ao comerciante, outro participante, por meio de processo relacional atributivo – ser - é dado os atributos de ser solteiro e de ser uma pessoa de posses. Isso caracteriza o que, nesse conto, é representado como importante em um homem. Por outro lado, esse mesmo comerciante apresenta o que para ele é característica importante em uma mulher, quando ele afirma que só se casaria com uma moça trabalhadeira e que fiasse muito mais que todas na cidade.

Há uma mudança na representação dos participantes no decorrer do conto que é marcada pelo que acontece antes e o que acontece durante/depois do casamento.

Antes do casamento, a viúva exercia poder sobre a filha – sempre passiva – bem como as três velhas. Porém, antes mesmo do casamento da filha – quando o comerciante a conhece e lhe fala a casamento, a viúva desaparece – o que pode indicar que a mãe só tem função na vida de uma filha até que ela encontre “o homem certo”. Até lá, deve fazer de tudo para que a filha se case com o melhor – nesse caso, o mais rico, o que contribui para a constituição de identidade de homens e de mulheres: os homens devem ter dinheiro, certamente para “cuidar” das mulheres, ser provedor. Já as mulheres devem ser trabalhadeiras e, quando desempenham o papel de mães, devem zelar para que a filha encontre “o homem certo”.

Ainda antes do casamento, o fato de a filha da viúva ser trabalhadeira é apresentado como atributo importante para que o comerciante se interessasse por ela. Tal colocação reforça a idéia de que a mulher ser reconhecida pelos serviços domésticos que presta, bem como reforça que o seu lugar é no espaço privado. Depois do casamento, o trabalho é tido como algo que tira a beleza da mulher e passa a ser rechaçado. Indicando que, agora, o que é mais importante não é a disposição para o trabalho, mas sim a aparência física que deve ser mantida.

Em relação ao homem, não há referência à beleza física – ele “era de agradável presença”. E isso, para o homem basta, já a mulher deve ser eternamente bela, o que nos faz reconhecer aqui a ditadura de um padrão de beleza para as mulheres.

Ao ser ‘proibida de fiar’, podemos entender que, depois do casamento, o papel da mulher não é mais o de trabalhar, pelo menos com algo que pode representar ganho e independência financeiro como poderia ser fiar.

No que diz respeito às metafunção interpessoal, por intermédio da qual poderemos analisar relações de poder, temos a indicação que o poder, no texto, é desigualmente distribuído entre o homem e as mulheres e entre as próprias mulheres.

A viúva interage com a filha de forma autoritária, indicando que entre elas não há uma relação de solidariedade. Essa autoridade da viúva é comprovada pelo uso de expressões como ‘dizendo que teria de fiá-lo’ – ou seja, a viúva ordena, tem o comando.

Embora a relação entre a filha da viúva e das três velhas pareça de solidariedade, pelo fato de as velhas ajudarem-na e de chamarem-na de ‘minha filha’, não é isso que outros traços lingüísticos confirmam. As três velhas mostram que possuem, naquela situação, um poder diferenciado já pelo fato de fiarem tão rápido. Além disso, pedem algo em troca do serviço que prestam à filha da viúva – o que, de certa forma, é uma imposição de determinado comportamento à filha da viúva.

Em relação ao homem, ao preparar a casa para o casamento, ele manda.

Já a filha, depois do casamento – o que indica mudança de condição – não chora mais; dá ordens para as tias (“...entra minha tia...” – o que antes não acontecia. A filha da viúva ainda obedece as três velhas, quando as chama de tia por três vezes. Mas essa obediência, no texto, seria a última, já que depois as velhas somem, e o casal foi feliz.

O fato de as velhas desaparecerem do conto logo após a filha da viúva ter se casado, pode indicar que depois de casada, a mulher torna-se independente daquelas pessoas que fizeram ardir para que ela conseguisse um marido. Agora, depois de casada, a mulher é ‘independente’.

Mas a história termina por aqui

As ideologias presentes no texto são as mais tradicionais. A mulher é submissa, passiva, ligada ao espaço

5. Considerações finais

A linguagem é veículo de expressão, de experiências, de idéias, expressa aspectos do contexto sociocultural onde é produzida, influenciando-nos a pensar deste ou daquele modo. Assim, por meio da Análise de Discurso Crítica e da Lingüística Sistemico-Funcional, pudemos ver como são retratados aspectos da realidade em um gênero discursivo, que tipo de relações sociais são ali encontradas, bem como a mulher é representada, ou seja, de modo tradicional, o que contribui para que sejam constituídas relações entre homens e mulheres, nas quais o poder esteja presente, principalmente, nas mãos dos homens.

Mesmo que essa obra tenha sido escrita com a intenção de que os(as) leitores(as) reflitam sobre determinados valores, crenças e práticas sociais, caso não haja a problematização dos discursos veiculados nos diferentes gêneros discursivos que circulam no contexto escolar, corre-se o risco de legitimar, de forma consciente ou não, padrões ideológicos do senso comum que, segundo Louro (1997), podem ser empregados somente para controlar e manter posições hegemônicas.

Um trabalho de leitura crítica de gêneros discursivos pode influenciar leitores(as) a refletirem sobre o que é veiculado nos textos, o que pode ser o início de mudanças nas práticas discursivas e sociais no que se refere à representação e à constituição de identidades de gênero.

Com essa análise, pretendemos contribuir para que a leitura crítica possa ser vista como algo aplicável no contexto da escola, o que pode contribuir para a constituição de identidades fortalecidas, em especial, a de gênero.

6. Referências bibliográficas

BADINTER, E. **XY**: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CASCUDO, C. As três velhas. In: _____. **Contos tradicionais do Brasil**. 17 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001. p. 175-178.

CHOULIARAKI, L & FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity**: rethinking critical discourse analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

CRAWFORD, M. **Talking difference**: on gender and language. Londres: Sage, 1995.

EAGLETON, T. **Ideologia**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Boitempo, 1997.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse**: textual analysis for social research. Londres and Nova York: Routledge, 2003.

_____. **Discourse and social change**. Cambridge: Polity Press, 1992.

_____. **Discurso e mudança social**. Trad. I. Magalhães. Brasília: editora Universidade de Brasília, 2001.

GEE, J. **Social linguistics and literacies**: ideology in discourses. Hampshire: The Falmer Press, 1990.

- GRADDOL, D. & SWANN, J. **Gender voices**. Oxford: Blackwell Publishers, 1992.
- HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. Londres: Edward Arnold, 1985.
- _____. **Learning how to mean**: explorations in the development of language. Londres, 1975.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2002.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MAGALHÃES, M. I. S. A critical discourse analysis of gender relations in Brazil. **Journal of Pragmatics**, 23, pp. 183 -197, 1995.
- MEURER, J. L. & MOTTA-ROTH, D. (orgs). **Gêneros textuais e práticas discursivas**: subsídios para o ensino de linguagem. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- WODAK, R. What is CDA about – summary of its history, important concepts and its development. In R. Wodak, & M. Meyer. **Methods of critical discourse analysis**. Londres: Sage, 2001.

7. Anexo

As três velhas (Cascudo, 2001)

Uma velha viúva tinha uma filha muito bonita e religiosa, que agradava a toda a gente.

A viúva queria casar a filha com homem rico e para isso fazia o possível.

Na esquina da rua onde moravam as duas havia uma casa de comércio afreguesada, cujo dono era solteiro e de posses.

A viúva fazia as comprar nessa casa e vivia estudando um meio de conseguir fazer com que o homem conhecesse e simpatizasse com sua filha.

Um dia ouviu-o dizer que só se casaria com uma moça trabalhadeira e que fiasse muito mais do que todas na cidade. A viúva comprou logo uma porção de linho, dizendo que era para a filha fiar, e que esta era a melhor fiandeira do mundo.

A moça ia todas as madrugadas à “Missa das Almas” e encontrava lá três velhas muito devotas que a cumprimentavam.

A viúva, chegando a casa, entregou o linho à moça, dizendo que teria de fiá-lo completamente até a manhã seguinte. A moça se valeu dos olhos, chorando, e foi sentar-se no batente da cozinha, rezando, desconsolada da vida. Estava nesse ponto quando ouviu uma voz perguntar:

_ Chorando por quê, minha filha?

Levantou os olhos e viu uma das três velhinhas da “Missa das Almas”.

_ E não hei de chorar? Minha mãe quer que eu fie todo esse linho e o entregue amanhã de manhã.

_ Não se agonie, minha filha. Se você me convidar para seu casamento e prometer que três vezes me chamará tia, em voz alta, darei uma ajuda.

A moça prometeu. A velha despediu-se e foi embora, deixando o monte de linho fiado e pronto. A viúva, quando achou a tarefa pronta, só faltou morrer de satisfeita. Correu até a loja do negociante, mostrando as habilidades da filha e pediu uma porção ainda maior de linho. O negociante espantado pelo trabalho da moça não quis receber dinheiro pela compra.

Vendo que as cousas se encaminhavam como ela desejava, a viúva voltou a dar o linho para a filha fiar até a manhã seguinte. Novamente a moça se agoniou muito e foi chorar na cozinha. Novamente apareceu uma velha, a segunda das três, que lhe propôs ajudá-la se ela a convidasse para o seu casamento e a chamasse tia por três vezes. A moça aceitou e o linho ficou pronto num minuto.

A viúva voltou correndo à loja do homem rico, mostrando o linho fiado e gabando a filha. O negociante estava simpatizado muito com a moça, que fiava tão depressa e tinha tamanhas qualidades. A viúva voltou com uma carga de linho enorme, entregando aquela penitência à sua filha.

Aconteceu como nas outras vezes. A terceira velha, mediante convite para o casamento e chamá-la tia três vezes, fiou o linho num rápido.

Quando o negociante viu o linho fiado, pediu para conhecer a moça, conversou com ela e acabou falando a casamento. Como era de agradável presença, a moça aceitou e marcou-se o casamento. O homem mandou preparar sua casa com todos os arranjos decente e encheu uma mesa de fusos, rocas, linhos, tudo para que a mulher se ocupasse durante o santo dia em fiar.

Depois do casamento, na hora do jantar, estavam, todos reunidos e muito alegres, quando bateram palmas e entrou uma das três velhas da “Missa das Almas”. A noiva correu logo dizendo:

_ Que alegria, minha tia! Entre, minha tia, sente-se aqui perto de mim, minha tia.

Assim que a velha sentou na cadeira, chegou a outra, recebida com a mesma satisfação:

_ Entre minha tia! Sente-se aqui, minha tia! Vai jantar comigo, minha tia!

A terceira velha chegou também e a noiva abraçou-a logo:

_ De cá um abraço, minha tia! Vamos sentar, minha tia! Quero apresentá-la ao meu marido, minha tia!

Foram para o jantar e o marido e convidados não tiravam os olhos das três velhas que eram feias como o pecado mortal.

Depois do jantar, o marido não se conteve e perguntou por que a primeira era tão corcovada, a segunda com a boca torta e a terceira com os dedos finos e compridos como patas de aranha. As velhinhas responderam:

_ Eu fiquei corcunda de tanto fiar linho, curvada para rodar o fuso!

_ Eu fiquei com a boca torta de tanto riçar os fios de linho quando fiava!

_ Eu fiquei com os dedos assim de tanto puxar e remexer o linho quando fiava!

Ouvindo isso, o marido mandou buscar os fusos, rocas, meadas de linho, e tudo que servisse para fiar, e fez com que queimassem tudo, jurando a Deus que jamais sua mulher havia de ficar feia como as três fiandeiras por causa do encargo de fiar.

Depois, as três velhas desapareceram para sempre. O casal viveu muito feliz.